

## MOVIMENTO CONTRA UPP: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE UMA LUTA COMUNITÁRIA CONTRA INSTALAÇÃO DE UMA BASE COMUNITÁRIA DE SEGURANÇA NO BAIRRO DA ENGOMADEIRA/SALVADOR/BA (2013-2015)

### MOVEMENT AGAINST UPP: MEANINGS AND SIGNIFICANS OF A COMMUNITY STRUGGLE AGAINST THE INSTALLATION OF A COMMUNITY SECURITY BASE IN THE NEIGHBORHOOD OF ENGOMADEIRA/SALVADOR/BA (2013-2015)

Fred Aganju Santiago Ferreira<sup>1</sup>

#### RESUMO

Tomando como pano de fundo o processo de implantação de um dos dispositivos de segurança do Programa Pacto Pela Vida – as Bases Comunitárias de Segurança –, empreenderemos uma análise multissituada acerca da história e memória político-comunitária do Movimento Contra a UPP, delineando seus princípios organizativos, motivações, bandeiras de luta, perspectiva político-ideológica, táticas e conjunto de estratégias adotadas na luta organizativa contra a instalação de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira (Salvador/BA), entre os anos de 2013 a 2015.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento Contra a UPP; bases comunitárias de segurança; políticas de morte; organização comunitária.

#### ABSTRACT

Taking as a backdrop the process of implementing one of the security devices of the Pacto Pela Vida Program – the Community Security Bases –, we will undertake a multi-situated analysis of the history and community political memory of the Movement Against the UPP at UNEB/Engomadeira, outlining its organizational principles, motivations, banners of struggle, political-ideological perspective, tactics and set of strategies adopted in the

---

<sup>1</sup> O autor possui graduação em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (2012), mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2015) e doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2020). Minha dissertação já está publicada em formato de livro com o título “Terra Preta: raça, racismo e política racial no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, bem como minha tese de doutorado já está disponível no banco de teses da UFBA e em iminência de ser publicada com o título “Maafa: Guerra Racial de Alta intensidade na Bahia contemporânea”. Nascido na Cidade de Livramento de Nossa Senhora-BA e radicado há quase duas décadas em Cachoeira-BA, Fred Igor Santiago Ferreira/Fred Aganju/Aganju é homem preto, professor de História, pesquisador, educador comunitário, cineclubista, produtor musical e MC do Grupo Us Pior da Turma.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

organizational struggle against the installation of a Community Security Base in the Engomadeira neighborhood (Salvador/BA), between the years of 2013 to 2015.

**KEYWORDS:** Movement Against UPP; community security bases; death policies; community organization.

## INTRODUÇÃO

As Bases Comunitárias de Segurança surgem na Bahia em 2011, no contexto de montagem da engenharia organizacional do sistema de defesa social do Programa Pacto Pela Vida<sup>2</sup>. De acordo com o Governo do Estado da Bahia, as Bases Comunitárias de Segurança (BCS) têm o objetivo de potencializar as ações de policiamento comunitário, articulando setores públicos, privados e comunitários em uma agenda comum de segurança pública alicerçada na defesa dos direitos humanos fundamentais. Como reafirma o Art. 2º da Portaria n.º 106-CG/12, publicada no boletim geral ostensivo n.º 244, de dezembro de 2012,

Art. 2º As Bases Comunitárias de Segurança tem por objetivo promover a segurança e a convivência pacífica em localidades identificadas como críticas, melhorando a integração da comunidade local com as instituições de segurança pública e demais órgãos públicos, e destas entre si, resgatando a cultura de paz, baseado nos moldes do Sistema Koban, tendo por princípio a excelência nos serviços prestados baseados na promoção e defesa dos direitos humanos (Bahia, 2012, p. 1-2).

É nessa conjuntura de estruturação e expansão dos dispositivos de segurança do Programa Pacto Pela Vida que surge, no ano de 2013, em Salvador (BA), o Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira. Um agrupamento comunitário de moradores do bairro da Engomadeira e de outras comunidades onde já haviam instalado as BCS, que se reuniram com o objetivo de barrar a continuidade da construção de uma Base Comunitária de Segurança em um terreno cedido pela Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Através de uma metodologia política que articulava ações organizativas dentro e fora da universidade, esse agrupamento comunitário denunciou o caráter racialmente seletivo das

---

Sobre a lei que rege o Programa de Defesa Social Pacto Pela Vida, ver em: <http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1029307/lei-12357-11>

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

políticas de Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA), colocando em xeque a legitimidade operacional de um dos dispositivos de segurança estratégicos para engenharia organizacional do Programa Pacto Pela Vida, as Bases Comunitárias de Segurança.

Durante os dois anos de existência – 2013/2015 –, o Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira realizou uma série de reuniões abertas, formações político-ideológicas, cineclubes, audiências públicas, microfones abertos, pichações e atos públicos, com o intuito de frear a construção de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira. Depois de aproximadamente dois anos de ações comunitárias continuadas, em março de 2015 a Universidade Estadual da Bahia emitia uma nota em seu portal institucional, que em um dos trechos dizia: “A construção de uma Base Comunitária de Segurança (BCS) dentro do Campus I da UNEB, em Salvador, foi rejeitada pelo Conselho Universitário (CONSU), instância deliberativa máxima da universidade”<sup>3</sup> (Uneb, 2015).

Desde o ano de 2011 participo de programas comunitários de enfrentamento à brutalidade policial, especialmente, na articulação de Cineclubes Comunitários em cidades do interior da Bahia<sup>4</sup>. Dentro desse contexto, em 2012 passo a atuar em uma organização política negra de enfrentamento ao genocídio negro<sup>5</sup>. Foi dentro dessa conjuntura política racial comunitária que, em 2014, conheci as militantes do Movimento Contra UPP, no Tributo ao Negro Blul<sup>6</sup>; uma atividade político-cultural em homenagem ao rapper Clodoaldo de Souza, que foi assassinado em 2006, aos 22 anos, vitimado por um grupo de extermínio, em um episódio conhecido como a matança de Nova Brasília (Nzumbi, 2011).

---

<sup>3</sup> Ver em: <http://www.uneb.br/sgc/2015/03/12/comunidade-unebiana-rejeita-construcao-de-bcs-dentro-do-campus/>.

<sup>4</sup> Sobre ações comunitárias que participo no interior da Bahia ver: [http://coletivoquilombo.blogspot.com/2015/07/cine-do-povo-trabalho-comunitario\\_11.html](http://coletivoquilombo.blogspot.com/2015/07/cine-do-povo-trabalho-comunitario_11.html) e <http://oganpazan.com.br/dos-bueiros-do-reconcavo-para-o-mundo/>.

<sup>5</sup> A organização em questão é a Campanha Reaja ou Será Morta(o), agrupamento político de negras (os) em que atuo desde 2012. Para saber mais dessas experiências, ver textos meus em sites e blogs de mídia independente que assino como Aganju Shakur.

<sup>6</sup> Notícia sobre o tributo em questão em: <http://blogdosolar.wordpress.com/2014/03/20/tributo-a-negro-blul/>.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Depois desse primeiro encontro, tive oportunidade de participar de algumas ações comunitárias e debates públicos organizados pelo Movimento Contra a UPP, assim como participamos conjuntamente do I Encontro de Cineclubes Comunitários da Bahia; uma articulação comunitária que realizou um intercâmbio entre cineclubes comunitários que atuam permanentemente em favelas, presídios, quilombos, ocupações urbanas e rurais. O encontro de Cineclubes Comunitários foi também um espaço de formação política, fortalecimento de laços de solidariedade e construção coletiva de uma estratégia política de autonomia e protagonismo comunitário.

De fato, meu histórico de luta organizativa junto ao Movimento contra UPP foi o principal pressuposto para que a investigação em curso pudesse ser realizada. Minha atuação em programas comunitários de enfrentamento aos dispositivos genocidas do Programa Pacto Pela Vida na Bahia me aproximou, anos atrás, do Movimento Contra a UPP. Depois desse primeiro encontro, realizamos uma série de atividades de formação, atos de rua, espaços de organização comunitária e participamos das Marchas Contra o Genocídio do Povo Negro<sup>7</sup>.

No que concerne ao conjunto de documentos e dados que municiam nosso argumento, analisaremos criticamente um conjunto de documentos produzidos pelo Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira: panfletos, fotografias, bandeiras de luta, cartilhas informativas e notas públicas redigidas pelo Movimento contra UPP. Além de entrevistas gravadas com militantes do Movimento<sup>8</sup>, a partir de aplicação de questionário de perguntas semiestruturadas, recorreremos também a um conjunto de notícias de jornalismo online que se debruçaram sobre o processo de implantação das BCS na Bahia. Outra base documental que substancia o presente artigo são os testemunhos orais colhidos de militantes do Movimento Contra UPP, seus apoiadores, e um grupo de pichadores que participavam das ações do Movimento. Depoimentos esses,

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre as Marchas Internacionais Contra o Genocídio do Povo Negro, realizadas pela Campanha Reaja ou Será Morta(o), ver matéria do site Vice: [http://www.vice.com/pt\\_br/article/vv4ne8/o-movimento-baiano-reaja-ou-sera-morto-esta-na-linha-de-frente-na-luta-contra-o-racismo](http://www.vice.com/pt_br/article/vv4ne8/o-movimento-baiano-reaja-ou-sera-morto-esta-na-linha-de-frente-na-luta-contra-o-racismo).

<sup>8</sup> Quando utilizar a palavra Movimento em letra maiúscula estarei me referindo ao Movimento Contra a UPP.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

que serão articulados a um conjunto de documentos organizacionais cedidos a mim pelo Movimento Contra UPP, a exemplo de: as bandeiras de luta do Programa de Ação do Movimento Contra a UPP, Nota contra a construção da Base Comunitária de Segurança, Nota do Movimento Contra a UPP sobre a rejeição da Comunidade Acadêmica à construção da UPP e flyers de divulgação das atividades do Movimento Contra a UPP .

Além dos documentos supracitados, colhemos dados etnográficos e apreendemos estruturas de sentidos no contexto de minha participação observante (Vargas, 2010) junto ao Movimento. A noção de participação observante (Vargas, 2008) é um recurso metodológico fundamental para confecção de nosso argumento e na apreensão e catalogação dos dados de maneira geral. Como ressalta o pesquisador João Vargas (2008), e sigo seu pensamento, em estudos antropológicos de organizações políticas comprometidas com a justiça social, uma prática etnográfica politicamente engajada é um pressuposto metodológico essencial para efetivação da pesquisa.

Enquanto a observação participante tradicionalmente coloca ênfase na observação, a participação observante refere-se à participação ativa no grupo organizado, de modo que a observação torna-se um apêndice da atividade principal. Na verdade, é assim que os meus dias foram gastos: depois de horas de inúmeras atividades, à noite, eu ia escrever notas sobre os acontecimentos do dia e refletir sobre como eles afetaram e foram flexionados pelas estratégias que estávamos utilizando para combater a opressão ao povo negro (Vargas, 2008, p. 175).

Notem que a narrativa em andamento é fundamentada nos aspectos etnográficos de minha experiência de participação e observação junto à luta organizativa do Movimento Contra a UPP. Minha participação coerente em ações encabeçadas pelo Movimento foi “*minha carta de aceite*” para poder empreender essa investigação. As militantes do Movimento são extremamente reticentes a agendas investigativas das universidades. De acordo com uma das militantes, a universidade tem produzido um conhecimento que tem pouca serventia para grupos de ação comunitária como o Movimento Contra a UPP. A universidade apresentou sempre um conhecimento pretensamente “neutro”, mas que ao fim e ao cabo, estava a serviço dos inimigos por excelência do Movimento. Nesse sentido, minha pesquisa é reconhecida pelas militantes

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

do Movimento Contra a UPP como uma iniciativa inovadora, que vai relevar aspectos da segurança pública na Bahia negligenciados pelas universidades e programas de governo.

E a gente, nessa busca de tentar entender, a gente começou a estudar mesmo sobre segurança pública. A gente não tinha noção. E não é porque não tínhamos leituras acadêmicas. Porque as leituras acadêmicas jamais iriam nos proporcionar a realidade e vivência do que era aquilo. A gente espera que com esse seu trabalho, né Fred, uma outra leitura, que a gente possa participar desse véis aí. Porque a gente precisa de substância para nos auxiliar na luta comunitária (Magali, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).

Perdi a conta das vezes que fui colocado nessa posição de atender a expectativas por parte dos sujeitos sociais investigados. Minha lealdade é posta à prova todo momento. Mas ora, em empreitadas etnográficas baseadas na Participação Observante (Vargas, 2008; Ferreira, 2015), lealdade, confiança e compromisso com o grupo organizado estudado devem ser apreendidos pelos sujeitos pesquisados como incontestes, para a plena efetivação da investigação. A Participação Observante também me municiou metodologicamente na escolha das militantes, apoiadores e pichadores que foram entrevistados. Bem como, foi no contexto da participação observante (Vargas, 2008; Ferreira, 2015) junto ao Movimento que pude constatar que a maioria esmagadora das militantes eram mulheres. Posteriormente, observando com maior cuidado, pude apreender que as mulheres não eram apenas a maioria das militantes, como também a direção política da organização era coordenada exclusivamente por mulheres, uma delas mãe, mulher negra, moradora da Engomadeira.

### **MOVIMENTO CONTRA UPP: MEMÓRIA POLÍTICA, SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE UMA LUTA COMUNITÁRIA CONTRA INSTALAÇÃO DE UMA BASE COMUNITÁRIA DE SEGURANÇA NO BAIRRO DA ENGOMADEIRA /SALVADOR-BA (2013-2015)**

O Movimento Contra a UPP surge em Salvador (BA), no ano de 2013, a partir de uma articulação de um grupo de alunos(as) da Universidade Estadual da Bahia (Uneb), todas(os) moradoras( es) de diferentes periferias urbanas da cidade, que se reuniram para barrar a instalação de uma BCS no bairro da Engomadeira, em um terreno cedido pela

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Universidade Estadual da Bahia, em seu campus no bairro do Cabula em Salvador (BA). A iniciativa surgiu depois que uma das fundadoras-militantes do Movimento contra UPP e, moradora da Engomadeira, viu uma enorme placa do Governo do Estado fixada na entrada principal do bairro da Engomadeira<sup>9</sup>. A placa em questão tinha os dizeres “*Obras a Serviço de Implantação da Base Comunitária de Segurança Engomadeira – Salvador (BA) – Programa Pacto Pela Vida*”, e de acordo uma das militantes do Movimento, foi a partir daí que tomaram conhecimento da instalação de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira.

Eu fiquei sabendo antes né, apesar de que a gente tem aqui algumas discordâncias, no sentido da construção. Mas eu me lembro que a placa veio antes da construção do prédio em si, como ele tá hoje. Como a placa foi colocada dentro do bairro da Engomadeira, por morar aqui e passar pela frente todos os dias, eu fiquei sabendo antes (Ana, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).

Depois de uma sequência de reuniões e um ato público que trancou os portões da Uneb, o Movimento organiza no dia 10/12/2013, uma audiência pública dentro das dependências da universidade, com o tema: UPP NA Uneb. Essa audiência pública contou com a presença de representantes da reitoria, DCE, técnicos administrativos e representantes da Polícia Militar, além de uma multidão de pessoas das mais variadas partes da cidade, curiosos, e moradores da Engomadeira.

Dois dias após a audiência pública, o Movimento Contra a UPP - agora já sendo conhecido e assumindo esse nome – organizou uma reunião e fez uma avaliação política da audiência pública, além de traçarem os rumos dos próximos passos a serem adotados. Uma das militantes do Movimento nos conta que nesse momento, o número de pessoas que participavam do agrupamento diminuiu em uma quantidade significativa. Isso se deve a um duplo fator: a metodologia de ação direta adotada pelo Movimento e a constante aproximação do Movimento com comunidades e agrupamentos comunitários atingidos diretamente pelas políticas de morte do Programa Pacto Pela Vida.

---

<sup>9</sup> Ver imagem da placa nos anexos.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Nesse contexto, o Movimento passa a centralizar suas manobras político-comunitárias em uma metodologia de ação direta, que tomou as pichações como linguagem política por excelência nas ações de agitação, propaganda e na perpetuação da memória política do Movimento Contra UPP na cidade de Salvador. Ou seja, a pichação passou a compor o repertório de tecnologias político-comunitárias do Movimento Contra UPP. De acordo com um dos pichadores que apoiavam o Movimento Contra UPP, o interesse, motivações e aproximação de pichadores se deram por fatores ligados às dinâmicas internas da cultura organizativa da pichação na cidade de Salvador.

Uma das coisas que me chamou atenção no Movimento Contra UPP foi a perspectiva de auto-organização. A pichação é organizada. Ela se difere justamente por isso, pelo grau de coesão. É o que difere do grafite lá fora, se ligou?! A participação da pichação, por exemplo, não era nas reuniões, mas as pichações estavam lá nas ações de rua. Porque também já é orgânico na pichação participar de ações comunitárias, tá ligado?! A galera de 15 em 15 dias puxa um mutirão em alguma comunidade e sempre rola uma comunicação e a galera faz as paradas. Além da espontaneidade da galera participar mesmo em ação comunitária, tem também a fita de colar em ação comunitária porque faz um Bomb, faz uma parada, não é apenas um letrado, domina também outras estéticas e pah. Além de ser uma oportunidade de encontrar a galera e fazer um trampo sem a repressão policial (Pichador A, entrevista cedida em 07/09/2018).

Militantes do Movimento e apoiadores(as) pichadores(as) de outras partes da cidade realizaram uma série de pichações, que começaram na área interna da Uneb. Posteriormente, as pichações não só extrapolaram as dependências da universidade, como também ganharam telas em diferentes bairros de Salvador. A tática do pixo tornou-se uma marca política indelével da ação do Movimento contra UPP dentro e fora da universidade, já que os pichadores(as) de diversas partes da cidade “abraçaram a ideia”, e espalharam as palavras de ordem e o próprio nome do Movimento Contra UPP em muros, sacadas, viadutos, e nas portas de estabelecimentos comerciais por toda cidade de Salvador.

As militantes contam que a aproximação com a cultura da pichação se deu de diversas maneiras; relações interpessoais, alguns pichadores (as) moravam em comunidades já atingidas pelas BCS, outros(as) eram do bairro da Engomadeira ou

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

arredores e, com o tempo, a pauta do Movimento contra UPP tornou-se tema de letrados em variadas partes da cidade. Na narrativa de um dos pichadores que apoiava o Movimento Contra UPP, fica evidenciado que a aproximação de agrupamentos de pichadores nas dinâmicas políticas protagonizadas pelo Movimento Contra UPP, foram também motivadas pelo fato da pauta e retórica política utilizada pelo Movimento tocarem as subjetividades e percepções de jovens homens negros que compõem hegemonicamente o cenário cultural da pichação da cidade.

Essa pauta logo estampada MOVIMENTO CONTRA UPP NA UNEB, uma pauta que querendo ou não toca, né véi, qualquer jovem preto vai pensar “qual minha relação com a polícia”. Então acredito que a aproximação dos pichadores se deu por conta disso “qual a relação da pichação com a polícia”. Então, qual a necessidade de você se organizar contra uma UPP, contra uma base comunitária dentro de sua comunidade, tá ligado? Essa questão da violência policial é uma denúncia permanente no Movimento. Assim como é permanente na pichação. Por vida a galera tá denunciando a questão da violência policial. E assim, quando chega o Movimento Contra UPP é uma pauta específica de uma comunidade, se ligou?! (Pichador B, entrevista cedida em 12/09/2018).

Foi nesse contexto de aproximação com pichadores(as) da cidade que o Movimento decidiu, ainda em 2013, realizar uma ação ousada, que marcaria a presença do Movimento dentro e fora da universidade; invadiram e picharam completamente o prédio onde iria ser instalada a BCS da Engomadeira, além de hastearem uma faixa enorme com os dizeres: NÃO À UPP, QUEREMOS SAÚDE, EDUCAÇÃO E LAZER”<sup>10</sup>. Depois das pichações, as obras pararam definitivamente, conforme conta uma das militantes que participou “do ataque”. Um dos pichadores nos relatou o significado da participação de pichadores nessa ação.

Quando surgiu o Movimento Contra UPP, minha participação não era orgânica. Eu tava em algumas ocasiões com o Movimento. Uma delas inclusive foi quando a galera planejou botar a faixa no prédio. Porque, tipo assim, a gente pensa pichação e associa ao spray, mas pichação é um giz na parede, um carvão, um extintor, um extensor. É uma faixa.

---

<sup>10</sup> Fotos da Base Comunitária e do dia do ato estarão disponíveis no anexo.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Por isso que falei da questão da faixa na parede da UPP. Porque, tipo assim, foi uma faixa, que é pichação também, porque em um grau é comunicação e em outro grau é crime contra propriedade, já que tão invadindo patrimônio público. E assim, a medida que a repressão incide com mais força, a parada vai se radicalizando. Se criando outras tecnologias (Pichador A, entrevista cedida em 10/07/2018).

Liane, uma das militantes-dirigentes do Movimento Contra UPP relata como foi esse episódio, que deu início a uma série de articulações do Movimento com agrupamentos comunitários de outras periferias já ocupadas por Bases Comunitárias de Segurança. No caso em questão, com um agrupamento de pichadores (as) da cidade de Salvador.

A gente se preparou pra esse dia, chamamos uma galera de fora, teve a galera do Movimento contra UPP e uma galera de fora. Uma galera foi por dentro da Uneb, outros pularam o muro, outros pegando a visão. Umás 8 pessoas na ação. Aí a gente botou uma faixa em cima do prédio, tem fotos dessa faixa: NÃO À UPP, QUEREMOS SAÚDE, EDUCAÇÃO E LAZER. Essa frase acabou virando uma palavra de ordem. E dentro colocamos NÃO À UPP! *bagaçamo* – pixaram – o lugar todo assim (Liane, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 10/07/2018).

O conjunto de táticas baseadas na ação direta – pichações e trabalho comunitário – foi constantemente criminalizado por opositores do Movimento. Entretanto, assim como afastou pessoas, as opções táticas do Movimento Contra UPP acabaram por atrair cada vez mais pessoas que não tinham vínculos diretos com a universidade, mas estavam totalmente inteirados dos efeitos catastróficos das políticas de morte (Mbembe, 2018) do programa Pacto Pela Vida.

O Movimento contra UPP realizou, durante o ano de 2013, panfletagens na comunidade da Engomadeira, além de sessões de cineclube e ações culturais educativas com as crianças do bairro<sup>11</sup>. Correlacionada com essas ações dentro da comunidade que seria atingida diretamente pela implantação da BCS, o Movimento articulou uma série de reuniões, audiências públicas e trancamentos de portões, dentro da universidade; somados a isso, pichações espalhadas por toda Uneb, que denunciavam o caráter militarizado e

---

<sup>11</sup> Ver fotos nos anexos.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

racista das BCS. Ao fim do ano de 2013, depois de um conjunto de ações dentro e fora da universidade, o Movimento Contra UPP já tinha delineado os princípios organizativos de suas ações fora e dentro da universidade.

Começamos com umas ações dentro da universidade. Então a agente fazia vários *bang*, pichava a Uneb toda. Colocávamos placas dentro da Uneb, a gente fazia panfletagem, fizemos várias reuniões dentro da Uneb, conseguimos fazer duas audiências com a presença da comunidade e com a presença da polícia também; audiências muito tensas. Me lembro que teve uma panfletagem em um bairro em que a polícia chegou. A gente tava em uma área que a letalidade é bem alta, fazendo uma panfletagem, debatendo com a comunidade como seria a construção dessa base. Quando a polícia chegou tivemos que sair correndo. Foi um processo muito tenso. Comunidade tinha medo, mas conseguimos mobilizar muito a partir das atividades comunitárias (Ana, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 15/06/2018).

## CRIMINALIZAÇÃO E RISCO DE MORTE NO CONTEXTO ORGANIZATIVO DO MOVIMENTO CONTRA UPP

É no período de 2014, que recrudescem – fora e dentro da universidade – discursos e práticas de criminalização contra militantes do Movimento contra UPP. Práticas essas que, desde o começo da mobilização já eram presentes, mas que com o tempo foram se tornando cada vez mais constantes, coordenadas e com forte teor policialesco-judicial.

Queriam me encurralar colocando em xeque minha posição que diziam ser “pró-trafficante”. As pessoas queriam taxar o Movimento como braço ideológico do tráfico. Até porque, nós tínhamos um discurso bem seguro sobre o uso da maconha. Então vamos debater quem são as pessoas que estão presas por causa de um baseado? Enquanto isso tem um helicóptero com pasta de cocaína caindo do céu e você quer falar isso comigo? Que mundo de Alice é esse que a sociedade vive? Então, certas coisas que não têm cabimento, uns contra-argumentos assim. Então recaia muito sobre nós, mulheres, ainda mais que temos mulheres usuárias e as não usuárias colam na roda [risadas] (Magali, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).

As práticas de criminalização eram constantemente denunciadas nos discursos públicos das militantes do Movimento Contra UPP. Recordo-me que quando conheci

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

pessoalmente o Movimento, no tributo a Negro Bull, estavam denunciando a campanha pública de criminalização que o Movimento vinha sofrendo, por parte de grupos de professores da Uneb, estudantes, estudantes-policiais, policiais-professores e pela corporação policial baiana de maneira geral. Essa campanha pública de criminalização disseminava uma narrativa que tachava as militantes do Movimento Contra UPP de estarem defendendo o tráfico de drogas no campus, tendo em vista que eram todas usuárias de drogas, ou, mulheres de traficantes, e, como tais, ligadas “naturalmente” ao tráfico de entorpecentes.

As militantes contam que à medida que o Movimento contra UPP foi centralizando suas ações em táticas comunitárias de ação direta e atraindo para suas fileiras cada vez mais pessoas de fora da institucionalidade universitária, as criminalizações foram aumentando em intensidade. A relação com pichadores e a incisiva defesa da descriminalização e legalização das drogas fez com que os ataques viessem cada vez mais de agentes de segurança do estado, alguns estudantes da Uneb e outros tantos de fora do espaço universitário.

O Movimento Contra UPP propunha um itinerário político perigoso ao ir de encontro à implementação de um dos dispositivos de segurança estratégicos na engenharia do Programa Pacto Pela Vida da Bahia, as Base Comunitárias de Segurança. O perigo e risco permanente de morte era comumente um tema que orbitava nas falas de militantes em atos públicos e ações comunitárias do Movimento Contra UPP. Em minha participação observante (Vargas, 2010) junto ao Movimento, pude perceber como a segurança das militantes e apoiadoras era sempre uma preocupação constante na dinâmica dos atos públicos e ações comunitárias do Movimento Contra UPP. De tal modo que era corriqueiro, nos atos impulsionados pelo Movimento, as lideranças alertarem a todos os presentes sobre a possibilidade de estarem sendo vigiados por policiais à paisana. Bem como ressaltavam, o *risco de vida* que todos corriam ao participar de ações protagonizadas pelo Movimento Contra UPP.

Além das falas públicas que denunciavam o *perigo constante* que as militantes e apoiadores do Movimento Contra UPP estavam submetidas, o Movimento adotava ações práticas de segurança comunitária, que eram variadas em seus métodos e dimensões. Uma

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

dessas táticas de segurança comunitária adotadas/incorporadas pelo Movimento Contra UPP era a prática de não utilizarem camisas, bandeiras, bóttons ou qualquer adereço que os identificasse ou distinguísse um indivíduo como militante do Movimento. Essa prática foi adotada pelo Movimento à medida que as militantes começaram a se sentir cada vez mais vulneráveis e vigiadas durante os atos de rua e ações comunitárias impulsionadas pelo Movimento contra UPP.

Outra tática de segurança comunitária adotada pelo Movimento Contra UPP era a prática de as militantes andarem em grupos ao voltarem de atos ou ações comunitárias coordenadas pelo Movimento. Também era costume as militantes construírem rotas diferenciadas para voltarem para suas casas, ou mesmo, depois de atos de rua, era comum muitas das militantes dormirem em locais diferentes de sua residência fixa. Ambas as práticas tinham como objetivo dificultar a localização e monitoramento do itinerário de militantes do Movimento, por parte de membros da corporação policial à paisana ou mesmo em serviço. Esse conjunto de táticas de segurança comunitárias era aplicado também dentro da universidade, que, de acordo com as militantes, era um espaço que aglutinava os variados discursos de criminalização contra o Movimento. Nas palavras de uma das militantes do Movimento Contra UPP,

O Movimento era visto como pró-trafficante porque tinha pessoas que eram usuárias. E viam a gente também como mulher de trafficante, “a outra brother ali é da quebrada da Engomadeira, deve ser mulher de trafficante”, era o que diziam. Era esse tipo de assédio e as coisas foram se acirrando. Dentro da Uneb tem polícia, vários estudantes, vários cursos, professor de Direito e as porra cêru. A gente tava sempre rodeado daquilo que era o inimigo mesmo. (Magali, militante do Movimento Contra UPP na Engomadeira, 02/06/2018).

Por “*as coisas foram se acirrando*” entende-se risco permanente de morte violenta. A militância do Movimento Contra UPP nos contou, em seus depoimentos, que tinham plena consciência do *perigo de vida* que corriam na luta organizacional comunitária que impulsionavam. Sabiam, também, que a campanha racista-sexista de criminalização contra o Movimento, vocalizada dentro e fora da universidade, tinha nas imagens controladoras (Collins, 1990, 2004; Perry; Caminha 2008) de “*mulher de*

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

*ladrão*”, “*usuárias de drogas*” e “*braço ideológico do tráfico*”, dispositivos discursivos que legitimavam a ação letal por parte de agentes do estado ou grupos de extermínio.

Em um contexto de avanço dos processos de criminalização contra defensores humanos no Brasil na última década, não era por menos os receios da militância do Movimento Contra UPP em relação ao risco permanente de morte que estavam sujeitadas. Como aponta o relatório *Na linha de frente – defensores de direitos humanos no Brasil* (Dias; Carvalho; Mansur, 2013), o Estado brasileiro historicamente tem constituído diferenciados dispositivos para criminalização e eliminação física de defensores dos direitos humanos, dispositivos esses que são reformulados dinamicamente, tal qual o próprio conceito-categoria de defensores dos direitos humanos. Como sinaliza o relatório,

São considerados defensores dos direitos humanos todos os indivíduos, grupos, organizações, povos e movimentos sociais, que atuam na luta pela eliminação efetiva de todas as violações de direitos e liberdades fundamentais dos povos e indivíduos. Incluindo os que buscam a conquista de novos direitos individuais, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais que ainda não assumiram forma jurídica ou definição conceitual específica (Dias; Carvalho; Mansur, 2013, p. 20).

Ainda segundo o relatório supracitado, a criminalização a defensores dos direitos humanos é uma das estratégias utilizadas por agentes do Estado e setores conservadores da sociedade civil, para consolidar o processo político-social de deslegitimação, que conceitualmente abarca uma variedade de dispositivos de criminalização. De acordo com a ONG Justiça Global, o processo de deslegitimação se dá a partir das seguintes práticas:

**Desqualificação:** Busca distorcer os sentidos e objetivos das demandas, discursos e práticas de determinados indivíduos ou grupos sociais, de modo a promover a sua difamação pública.

**Invisibilização:** Processo pelo qual se oculta a demanda, contexto social ou quaisquer manifestações de indivíduos ou grupos sociais, de modo a evitar que conquistem publicidade perante a sociedade, mídia ou instituições estatais.

**Inferiorização:** Estratégia que atinge indivíduos ou grupos sociais ao reduzir ou ignorar completamente a legitimidade de sua alteridade, historicidade, dignidade, diferenciar culturas ou prática social.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Omissão: A omissão decorre de inação do Estado em vista de contexto de recorrente, flagrante ou iminente violação dos direitos humanos contra indivíduos ou grupos sociais.

Despolitização\individualização: Característica da mesma estratégia que tende a retirar o aspecto político de determinada luta social, ao individualizar a responsabilidade sobre as mesmas (Dias; Carvalho; Mansur, 2013, p. 23).

O repertório de procedimentos utilizados na criminalização de defensores dos direitos humanos (Dias; Carvalho; Mansur, 2013) era largamente utilizado contra as militantes do Movimento Contra UPP, de tal modo que a morte letal violenta era uma variante permanentemente debatida internamente no Movimento, tendo em vista que a militância intuía que o processo de criminalização tinha como objetivo a legitimação de uma ação letal por parte de agentes da corporação policial em serviço ou lotados em grupos de extermínio. Nesses termos, a possibilidade de morrer violentamente era um constante pensamento que pairava na subjetividade e sentidos atribuídos à luta por parte das militantes, muitas das quais moravam em bairros periféricos da cidade de Salvador, onde execuções sumárias, desaparecimentos forçados e chacinas eram, na época – e ainda o são –, práticas rotineiras no padrão operacional da corporação policial e de grupos de extermínio tolerados pelo Estado. Como descreve minuciosamente Ana.

Sabendo do tamanho da frieza desses caras... Vários episódios na Engomadeira de jovens negros que foram sequestrados por viaturas e não apareceram mais, ou que apareceram apenas o corpo esquartejado. Uma vizinha nossa foi sequestrada por viatura na entrada do bairro e apareceu o corpo na estrada velha do aeroporto. Sabendo dessas práticas e sabendo que isso era possível, eu tinha medo. Não era um medo que chegava a me limitar, ou que chegava a dizer “não vou fazer mais isso”, era um medo estratégico para que eu tivesse alguns cuidados. Eu passei a ter mais cuidado e isso permanece em mim até hoje. Uma viatura representa muito medo, sobretudo se for da Rondesp. (Ana, militante do Movimento Contra a UPP, 02/06/2018).

O medo de uma ação letal por parte da corporação policial era fundamentado na própria experiência de vida das militantes do Movimento Contra UPP, em suas comunidades de origem nas periferias da cidade de Salvador. Mas o medo era também

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

um recurso tático diante do tipo de dispositivo organizacional que o Movimento contra UPP edificou: comunitário, baseado em ações diretas, liderado/coordenado por mulheres negras e de periferias urbanas da cidade. Todo cuidado era pouco.

No trajeto pra casa estávamos muito vulneráveis. Tipo, pegar dois ônibus pra voltar pra casa, descer no ponto, aquele medo clássico de ser um alvo. Eram esses medos cotidianos. Também a gente se expunha em estar em outros bairros discutindo essas questões, isso gerava constantes tensões dentro dessa militância. E fazendo uma o suporte da outra, porque a gente tinha essa confiança, por isso que o movimento foi se estreitando, se tornando um núcleo de ação onde tínhamos total confiança na outra. O medo da morte nos fez mudar muitas posturas, sobretudo de ter estratégia em nossas ações. (Liane, militante do Movimento Contra a UPP, 02/06/2018).

O medo de uma morte violenta constantemente relatado pelas militantes do Movimento contra UPP, para além de uma experiência cognoscível, é também um dado histórico dentro de uma estrutura de *continuum* genocida (Vargas, 2010). Como já é largamente documentado, o Estado brasileiro, historicamente, reprimiu e criminalizou manifestações políticas da comunidade negra ; Vargas, 2010; Nzumbi, 2011; Taddeo, 2012). Nesse contexto, a violência contra negros(as) tem sido marcada por uma experiência ontológica (Vargas, 2010). Já para os agrupamentos políticos brancos, a violência estatal é inserida em contextos sociais de reivindicação e críticas ao gerenciamento do aparato burocrático do Estado; uma violência que pode vir em forma de repressão direta, mas que, quase que invariavelmente, se configura em conflitos negociados, que a maioria das vezes desdobra em diálogos entra as partes envolvidas e posterior consenso. As manifestações de junho de 2013 no Brasil são um exemplo tácito desse argumento (Vargas, 2016).

Cabe destacar que o Movimento Contra UPP era constituído majoritariamente de mulheres. Mulheres negras, entre as quais algumas eram mães. Ana, por exemplo, uma das fundadoras do Movimento, é uma mulher negra, mãe de um menino preto e “cria da Engomadeira”, como gosta de destacar em sua narrativa. Ana, tal quais outras mães que participaram do Movimento contra UPP, reafirma a posição estratégica, de liderança política-ideológica, que mulheres negras têm ocupado historicamente em movimentos

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

comunitários de enfrentamento aos dispositivos de repressão do Estado (Perry; Caminha, 2008; Rocha, 2016). Nesses termos, o protagonismo político de mulheres negras tem edificado uma cultura política contra-hegemônica que tem construído organizações comunitárias que têm enfrentado e revelado as minúcias dos dispositivos de *necropoder* (Mbembe, 2018) da supremacia branca.

[...] mulheres negras que vêm desafiando e transformando o que a socióloga negra americana France WinddanceTwine (1998) identificou, quase uma década atrás, como “o senso comum racista” sobre os negros. No caso das mulheres, pode-se apontar a existência de um “senso comum racista e sexista” acerca das mulheres negras no Brasil. Também a feminista afro-americana Patricia Hill Collins (1990) identificou este senso comum nas representações naturalizadas de mulheres negras como “imagens controladoras (controlling images)”, imagens estas “utilizadas para fazer com que o racismo, o sexismo e a pobreza pareçam realidades naturais e normais, e ainda circunstâncias inevitáveis da vida cotidiana” (p. 68, tradução nossa). Desta perspectiva, a liderança das mulheres negras e sua atuação na luta pelos direitos à terra na Gamboa de Baixo têm sido necessariamente ligadas às lutas para contrapor as “imagens controladoras” que estereotipam as mulheres negras, sobretudo, aquelas moradoras de bairros populares na sociedade baiana (Perry; Caminha, 2008, p. 136).

Para além de uma presença física, as mulheres negras do Movimento Contra a UPP formularam o conjunto de táticas e estratégias comunitárias adotadas gradativamente pelo Movimento. A luta comunitária contra a instalação de uma Base Comunitária de Segurança no Bairro da Engomadeira, impulsionada majoritariamente por mulheres, negras, muitas das quais mães, teve um forte papel na construção de uma cultura política racial comunitária, que desmistificou gradativamente um conjunto de imagens controladoras (Collins, 1990; Perry; Caminha, 2008) atribuídas negativamente a essas militantes e ao Movimento de maneira geral.

Pesquisas acadêmicas realizadas por militantes negros (as) têm demonstrado como, historicamente, na formação social do Brasil, as mulheres negras tiveram um papel estratégico na construção, consolidação e disseminação de dispositivos sociais de enfrentamento à violência racial (Santos; Nzumbi, 2010, 2017; Rocha, 2016). O papel de liderança ocupado por mulheres negras em movimentos comunitários tem sido uma

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

constante estratégica no enfrentamento à violência racial protagonizado por agrupamento de negros(as). Como afirma a pesquisadora negra Luciane de Oliveira Rocha ;

A experiência da Diáspora Africana é intrinsecamente relacionada com a morte. Como os trabalhos de muitos autores mostram, a antinegitude e genocídio da população negra são as principais características da vida coletiva de negros e negras, sendo a morte masculina o efeito mais visível. No entanto, é impossível pensar na resistência a esta violência que é contínua, estrutural e gratuita, sem levar em consideração a contribuição social, cultural e emocional das mulheres negras. Acima de tudo, é impossível negar a importância de nossos pensamentos e de nossa participação nas estratégias políticas para transcender o genocídio (2016, pag. 177).

Genocídio esse expresso nas altas taxas de mortandade violenta que atinge de sobremaneira jovens homens negros. Entretanto, a morte violenta desses jovens negros impacta em outros aspectos psicossociais da experiência e sociabilidade negra na diáspora. Como, por exemplo, a experiência da maternidade negra, que historicamente está passível a interrupções abruptas, tendo em vista que os filhos(as) de mães negras são os alvos sistemáticos da violência letal no Brasil (Rocha, 2016). Nesses termos, a experiência das mulheres negras com a violência letal no Brasil está marcada pela constante ameaça à maternidade negra (Rocha, 2016).

Ana, uma das militantes fundadoras do Movimento Contra a UPP, mulher negra, moradora do bairro da Engomadeira e mãe de D.T., nos conta um pouco dos sentidos e significados dessa permanente “sombra da morte” que paira sobre as famílias negras em comunidades diretamente atingidas pelas políticas de morte (Mbembe, 2018) do Programa Pacto Pela Vida na Bahia:

Sou mãe de um garoto de 08 anos, tenho assistido de perto várias mortes de jovens, não tenho como não pensar na possibilidade de meu filho ser alvo. Sempre quando estamos na rua, que nos deparamos com viaturas (a chocolate, Rondesp, nos deixa bastante temerosos), penso que D. T. nunca desfrutou de liberdade, nunca andamos em Salvador sem pensar na possibilidade de presenciar, viver uma ação da polícia. Eu tento de todas as formas protegê-lo, mas existe marcador muito forte que a presença da mãe não dá conta. A cor de sua pele, que se agrava quando é morador de um bairro periférico de um Estado onde a polícia tem

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

licença pra matar. (Ana, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).

A história político-comunitária do Movimento Contra a UPP substancia esse argumento, ampliando-o em certa medida, pois para as jovens negras que impulsionavam o Movimento, não foi preciso que alguma delas tivesse um filho assassinado pela corporação policial para se organizarem contra um dos dispositivos das políticas de morte do Programa Pacto Pela Vida. Ana nos relatou que um dos principais motivos para decidir impulsionar um Movimento contra a construção de uma BCS em seu bairro foi o medo de essa política de segurança atingir diretamente seu filho de oito anos:

Bom, eu sei o que a presença da polícia causa na vida das mulheres negras moradoras daquele bairro, sei também que isto se intensifica quando esta mulher é mãe de um homem/ jovem / negro. Pensava no futuro, como seria para meu filho aquelas viaturas circulando pelo bairro e fazendo abordagem a todo momento. Quando passava pela placa do Governo do Estado, lembrava do módulo policial que existia no final de linha, era sempre um terror passar na frente porque sempre tinha um moleque apanhando lá dentro e uma mãe do lado de fora com o documento de seu filho em mãos. Não queria ver as crianças da minha comunidade passando por isto diariamente (Ana, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).

As mães negras em contextos sociais de necropolíticas (Mbembe, 2018) lutam cotidianamente e organizam estratégias para sobrevivência física de seus filhos (as) em comunidades negras diretamente atingidas pelos dispositivos de segurança genocidas. A história comunitária do Movimento Contra UPP demonstra como a interrupção da maternidade negra é uma variável constante na experiência social, sentidos e significados das mulheres negras, de tal modo que o fato de muitas militantes ainda não serem mães, ou não terem filhos vitimados pela violência estrutural letal, não impediu que se organizassem contra um dispositivo de segurança baseado em políticas de morte.

## CONCLUSÃO

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

No dia 12 de março de 2015 a assessoria de comunicação da Uneb emitia em seu portal oficial na internet uma matéria com o seguinte título “Comunidade Unebiana rejeita a construção da BCS dentro do campus”<sup>12</sup>. O texto da matéria relata que no dia 06/03/2015, uma reunião do Conselho Universitário (Consu) – instância deliberativa máxima da universidade – instaurou uma comissão especial para analisar minuciosamente a questão da doação de um terreno da universidade, para construção de uma Base Comunitária de Segurança nas imediações do bairro da Engomadeira.

De acordo com a matéria supracitada, o projeto de construção da BCS foi de autoria da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA), que solicitou a intermediação da Secretaria Estadual de Educação (SEC) junto à Uneb, para que a universidade doasse parte de seu terreno no campus central. Terreno esse que fazia divisa com o bairro da Engomadeira. Depois desse breve histórico, a matéria em questão expõe em minúcias o parecer;

No parecer aprovado pelo CONSU, a comissão, embora reconheça a importância e atualidade da questão da segurança pública, sendo objeto do interesse da universidade, avalia que a decisão do anterior Reitorado desconsiderou as opiniões e manifestações da comunidade acadêmica da UNEB e das instâncias representativas dos seus três segmentos (professores, estudantes e corpo técnico). “Pela maneira antidemocrática e autoritária com que foi autorizada a construção, ferindo os princípios da autonomia universitária, recomendamos a não cessão do espaço da universidade para a BCS”, afirma o parecer. Presidida pelo professor Valdélino Santos Silva, a comissão especial teve como demais integrantes Flávio Dias Correia, Marluce de Lima Macedo, Bruno Mattos da Conceição e Frederico José dos Santos<sup>13</sup> (Uneb, 2015).

Notem que a oposição por parte da universidade em relação à instalação de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira não é necessariamente uma discordância com a política de segurança pública em andamento na Bahia. Pelo contrário, a universidade reconhece a importância e operacionalidade dos dispositivos de segurança

---

<sup>12</sup> Ver matéria em: <http://www.uneb.br/sgc/2015/03/12/comunidade-unebiana-rejeita-construcao-de-bcs-dentro-do-campus/>.

<sup>13</sup> Ver em: <http://www.uneb.br/sgc/2015/03/12/comunidade-unebiana-rejeita-construcao-de-bcs-dentro-do-campus/>.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

conduzidos pelo Programa Pacto Pela Vida. De acordo com a instância deliberativa máxima da Uneb, o grande entrave para doação de um terreno que serviria para implantação de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira seria o caráter antidemocrático e autoritário da decisão, que foi tomada pela administração anterior, sem um debate público com as categorias representativas da universidade: professores, técnicos e estudantes.

Nesse contexto, poucos dias após a decisão do Consu, o Movimento Contra UPP, que continuava suas atividades político-comunitárias para barrar a instalação de uma BCS na Engomadeira, emitiu uma nota pública dando seu parecer em relação à decisão da instância deliberativa máxima da universidade:

O Movimento Contra UPP, organizado antes mesmo da posse da atual gestão de reitoria da UNEB, não pode deixar passar um momento tão importante para nossa luta: no dia 6 de março, o Conselho Universitário da UNEB aprovou parecer que recomenda a não doação do terreno da Universidade para projeto de construção de Base Comunitária de Segurança de autoria da SSP-BA, articulado junto à Secretaria Estadual de Educação (SEC). (Movimento contra a UPP, 2015, p. 1).

De acordo com as militantes do Movimento Contra a UPP, o documento supracitado foi elaborado diante de um duplo contexto. Primeiramente, como uma denúncia pública do fato político da administração central da Uneb tentar a todo custo invisibilizar a ação comunitária do Movimento, negando sua existência e não reconhecendo o protagonismo político-comunitário autônomo do agrupamento na luta contra a instalação de uma BCS no bairro da Engomadeira.

Tal perspectiva autônoma do Movimento contra UPP em relação às instâncias organizacionais formais da universidade – Reitoria, Movimento estudantil, DAS, CAS, DCE – era visto de maneira negativa pelas forças políticas da universidade, que não reconheciam o Movimento como uma instância representativa de qualquer categoria. Como afirma o Movimento em outro trecho do documento, “o Movimento Contra a UPP sempre optou por sua autonomia, talvez por isso não tenha sido sequer citado na nota” (Movimento contra a UPP, 2015, p. 2).

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Outra motivação que fez com que o Movimento contra UPP redigisse uma nota em relação à decisão da Uneb - em não ceder parte de seu terreno para construção de uma BCS - foi de revelar publicamente, que ao contrário da narrativa vocalizada pela institucionalidade, a universidade sempre se mostrou acolhedora com as políticas de segurança pública do Programa Pacto Pela Vida. Na verdade, a Uneb, desde seu surgimento, tem estreitas relações com as corporações policiais que compõem a segurança pública na Bahia, inclusive, firmando convênios com a SSP-BA no tocante a pesquisas acadêmicas que municiem a ação policial, além de ser a universidade responsável pela elaboração do curso de oficiais da polícia militar. De acordo com o Movimento Contra UPP, essa relação intestinal da universidade com a corporação policial era inaceitável, execrável, diante de um contexto de uma universidade que se dizia inclusiva, a primeira a adotar políticas de cotas raciais na Bahia.

É, de fato, inconciliável que a Universidade, enquanto espaço responsável por fomentar o conhecimento, e que assume o compromisso de contribuir com a comunidade na qual está inserida, ofereça suporte a uma ferramenta de repressão dessa polícia truculenta (Movimento contra a UPP, 2015, p. 2).

Nesses termos, a nota pública do Movimento Contra a UPP, além de revelar a estreita relação da universidade com uma das corporações policiais mais violentas do mundo, também demarcou o posicionamento político-ideológico do Movimento, que mesmo conquistando sua principal pauta – barrar a instalação de uma BCS no bairro da Engomadeira –, já sinalizava que a luta comunitária era contra o conjunto dos dispositivos de segurança do programa Pacto Pela vida, que ao contrário do discurso do governo, não reduziram as taxas de mortes violentas letais.

Diferente da posição de concordância perante as políticas de segurança pública expressada na nota, nós somos contra a instauração de qualquer unidade desse caráter na Engomadeira ou qualquer comunidade periférica. Reconhecemos que as medidas de segurança defendidas pelo Estado são motivadoras do genocídio da população negra e pobre e não poderíamos legitimar tal execução em massa de nenhuma forma, em nenhum lugar (Movimento contra a UPP, 2015, p. 2).

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Por fim, o Movimento Contra a UPP termina sua nota pública provocando a universidade a se manifestar sobre uma operação da polícia militar que ocorreu no dia 6 de fevereiro de 2015, no bairro do Cabula em Salvador (BA), que resultou na morte de 12 jovens homens negros, no episódio que ficou internacionalmente conhecido como Chacina do Cabula<sup>14</sup>.

Aproveitamos para expressar repúdio a qualquer tentativa de utilização da área da Universidade em ações de qualquer natureza perpetradas pelas forças armadas, e para cobrar novamente um posicionamento da Universidade do Estado da Bahia acerca da ação policial do dia 6 de fevereiro de 2015 que deixou 13 homens mortos na região do Cabula, entendendo a Universidade enquanto importante sujeito político que deve estar comprometido com o que acontece em seu entorno. (Movimento contra a UPP, 2015, p. 2).

O Movimento Contra a UPP foi um dos atores sociais comunitários a denunciarem a falência operacional do Programa Pacto Pela Vida. Denúncia essa que estava inserida dentro do contexto de implantação de um dispositivo de segurança estratégico na engenharia da segurança pública do Estado da Bahia: As Bases Comunitárias de Segurança. Durante os dois anos de atividades político-organizacionais, o Movimento contra UPP organizou uma série de atos públicos de rua, audiências públicas, panfletagens, atividades de formação político-ideológicas, além de ações culturais comunitárias na Engomadeira e em outros bairros diretamente atingidos pela implantação de BCS.

Somadas às ações anteriormente citadas, o Movimento adotou as pichações como gramática política por excelência em sua vocalização para outras partes da cidade, bem como foi um dos principais atores sociais na consolidação de uma rede subterrânea de enfrentamento às políticas de morte do Programa Pacto Pela Vida. Uma rede subterrânea composta por pichadores(as), grafiteiros(as), MCs, agrupamentos de negros(as) que

---

<sup>14</sup> Sobre a Chacina do Cabula ver mais em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/chacina-com-12-mortos-no-cabula-foi-planejada-por-pms-como-vinganca/> e <http://www.reajaouseramortx.com/2015/02/pai-faz-mae-cria-e-rondes-p-da-sumico.html>.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

enfrentam a brutalidade policial, estudantes negros(as), muitos(as) dos quais moradores da Engomadeira e de outros bairros periféricos da cidade de Salvador.

No mesmo período de tempo em que o Movimento Contra a UPP manteve suas atividades organizacionais – 2013/2015 –, o Governo da Bahia implantou sete Bases Comunitárias de Segurança, em Salvador, região metropolitana e interior da Bahia. Em 2015, eram 17 Bases Comunitárias de Segurança no total, que compunham o conjunto de dispositivos de segurança do Programa Pacto Pela Vida (Pedreira, 2014). Diante desse quadro, o ano de 2015 foi marcante na história do Movimento Contra UPP, pois foi nesse período que a principal pauta do Movimento foi conquistada – barrar a construção de uma BCS na Engomadeira –, assim como foi o período de encerramento das atividades político-organizacionais do agrupamento.

O projeto de construção de uma BCS no bairro da Engomadeira caiu por terra depois que a Uneb negou definitivamente o terreno onde seria construído o dispositivo de segurança. Decisão essa que foi provocada diretamente pela agência comunitária do Movimento Contra UPP, que ao adotar uma metodologia política pautada em ações organizativas dentro e fora da universidade, conseguiu dar vocalização pública ao caráter racialmente seletivo das políticas de segurança pública da SSP-BA, notadamente, no contexto de implantação de uma Base Comunitária de Segurança no bairro da Engomadeira, Salvador (BA).

Definitivamente, a experiência comunitária organizativa do Movimento Contra UPP é histórica no contexto das lutas comunitárias na Bahia contemporânea. A exemplo da luta por território dos quilombolas do Quilombo Rio dos Macacos<sup>15</sup>, da luta por

---

<sup>15</sup> O quilombo Rio dos Macacos está localizado dentro da Vila Naval de Aratu, em Simões Filho, região metropolitana de Salvador, Bahia. Secularmente o local chamava-se Fazenda dos Macacos e pertencia à família Martins, que abdicou do terreno devido ao declínio da produção da cana de açúcar. Os remanescentes de quilombolas permaneceram no local vivendo tradicionalmente por aproximadamente 150 anos. No início da década de 1960, parte das terras foi tomada para a construção de uma barragem. Posteriormente, em 1972, a situação foi agravada pelo início das obras da vila naval, sendo 57 famílias expulsas e sua estrada tradicional destruída pela Marinha. Em meados de 2010, novamente a Marinha de guerra do Brasil investe contra a comunidade quilombola, com tentativas de reintegração de posse, guerra psicológica, tentativa e assassinatos políticos de lideranças, além de constantes cercos militares contra os quilombolas. Ver mais em: <https://anovademocracia.com.br/no-127/5263-os-valentes-quilombolas-de-rios-dos-macacos>.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

moradia e direitos básicos da Ocupação Quilombo Lucas da Feira<sup>16</sup> e da luta por justiça e verdade da Chacina do Cabula, protagonizada por mães, pais, familiares, e amigos das vítimas, bem como por militantes da Campanha Reaja ou Será Morta(o)<sup>17</sup>. Lutas comunitárias essas que pude participar como apoiador, militante ou aliado, em diferentes contextos na minha militância política racial comunitária. Dentro desse contexto, o Movimento Contra UPP foi impactante no cenário político-racial da Bahia na última década: no método, na pauta, na política de alianças e linguagem política adotada em sua agenda de enfrentamento. Como bem disse uma de suas militantes, o Movimento tencionou no limite a pauta da “segurança pública” na Bahia:

*Então é aquela coisa, o nome do Movimento contra UPP já trazia um destaque muito grande. Movimento Contra a UPP, porra! Vai colocar isso numa cidade que tem um projeto genocida como o Pacto Pela Vida, que está investindo milhões em segurança pública de guerra. Maiores onda céu. (Magali, militante do Movimento Contra a UPP na Uneb/Engomadeira, 02/06/2018).*

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jaime Amparo, A Sombra da Morte: Violência policial em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. In: Brasil Análise & Dados. ISSN: 0103-8117, vol. 20, fasc. 04, p. 563-578, 2010.

BAHIA. Secretaria da Segurança Pública da. Plano Estadual da Segurança Pública – PLANESP. Governo da Bahia (2012 a 2015) / Secretaria da Segurança Pública. Salvador: Secretaria da Segurança Pública, 2011.

---

<sup>16</sup> A Ocupação Quilombo Lucas da Feira é um aglomerado de dezenas de moradias precárias numa antiga fábrica de beneficiamento de leite às margens da BR 116 Norte. Autointitulada como quilombo – em referência à forma comunitária com que os quilombos se organizavam –, a ocupação surgiu em 2011 através de uma mobilização tocada pelo MSTB (Movimento Sem Teto da Bahia). Em torno de 45 famílias aguardam ali pela desapropriação da área para que a mesma seja regularizada. Ver mais em: <https://feirenses.com/ocupacao-lucas-da-feira/>.

<sup>17</sup> A Chacina do Cabula foi uma intervenção policial ilegal realizada pela Rondesp (Rondas especiais) em Salvador-BA, que resultou na morte de 12 jovens e em um processo de luta organizada de familiares pela justiça, verdade, memória e reparação. Ver mais em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/02/06/chacina-do-cabula-acao-da-pm-que-deixou-12-mortos-na-ba-segue-sem-solucao-apos-4-anos.ghml>.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

BAHIA, Lei nº 12.357, de 26 de setembro de 2011. Institui o Sistema de Defesa Social, o Programa Pacto pela Vida, e dá outras providências. Disponível em: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1029307/lei-12357-11>.

BAHIA, Relatório Anual do Governo da. Garantir segurança e integridade ao cidadão, centrando ações na informação, inteligência, na prevenção e no respeito aos direitos humanos. Governo da Bahia, 2011.

BAHIA. Polícia Militar. Portaria nº 106-CG/12. **Boletim Geral Ostensivo**, Nº 244, de 27 de dezembro de 2012, p. 7597-7611. Disponível em: [http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=2089:bgo-244-27-dez-12&id=127:dezembro&Itemid=598&start=15](http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=2089:bgo-244-27-dez-12&id=127:dezembro&Itemid=598&start=15). Acesso em: 00 mês 0000.

BAHIA, Polícia Militar da. PORTARIA n.º 058-CG/15 que dispõe sobre as normas e procedimentos necessários para implantação, estruturação e funcionamento das Bases Comunitárias de Segurança – BCS no âmbito da PM-BA, e dá outras providências. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26365105-Portaria-n-o-058-cg-15.html>. Acessado em 10-03-2019.

CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe (Org.). Questões para história do presente. Bauru/SP: EDUSC, 1990.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 1990.

COLLINS, Patricia Hill. **Black sexual politics: africanamericans, gender, and the new racism**. New York: Routledge, 2004.

DIAS, Rafael Mendonça; CARVALHO, Sandra; MANSUR, Isabel (org.). **Na linha de frente: Criminalização dos defensores dos direitos humanos no Brasil (2006-2012)**. Justiça Global: 2013.

FBSP & IPEA. Atlas da Violência 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. Anuário brasileiro de segurança pública, 2016. Ano 10

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. Anuário brasileiro de segurança pública, 2012. Ano 6.

FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, FBSP, SP, 2015.

FRANCO, Marielle. UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense -

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo - Programa de Pós-graduação em Administração. Mestrado em administração. Niterói, Rio de Janeiro – 2014.

FERREIRA, F. A. S. **Breves apontamentos sobre a necropolítica racial na Bahia – Terrorismo de Estado, Racismo e Letalidade na Ação Policial (2006-2015)**. Artigo no VII Seminário da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRB: Raça, sexualidade e poder – Sujeitos violados e seus discursos. Cachoeira-Ba, 2017.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. **Sou Sem Terra, Sou Negão: Raça, Racismo e Política Racial no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2015. Dissertação (Mestrado em 06/05/2025 - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cachoeira, Bahia, 2015.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. Matança de jovens homens negros no Recôncavo Sul da Bahia. Revista Akeko. **Estudos Pós-coloniais e Decoloniais**, Volume 2, n.1. Rio de Janeiro, UFRB. Setembro de 2019.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. O estranho caso da esquerda que esqueceu Rafael Braga: assimilação racial como tecnologia organizacional da esquerda branca no Brasil. In: **Coleção Pensamento Preto: Epistemologia do renascimento africano volume II**. União dos Coletivos Pan-africanistas. Editora Filhos da África, 2018.

Ferreira, Fred Aganju Santiago. **MAAFA: políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia E Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais.

GORDON, Lewis. *Her Majesty's Other Children: Sketches of Racism from a Neocolonial Age*. New York: RowmanandLittlefield, 1997.

MARTINS, Hebert T.; SILVA, André Ricardo Guimarães da. Uma análise da Portaria nº 106-CG/12 e do policiamento comunitário desenvolvido nas bases comunitárias instaladas no Nordeste de Amaralina, em confronto com os critérios identificadores do Sistema Koban. Salvador. Dissertação de Mestrado, UFBA, Faculdade de Direito, 2014.

MARTINS & LOURENÇO, Luiz Claudio (Orgs). *Criminalidade, direitos humanos e segurança pública na Bahia*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2014.

MARTINS, H. & CASTRO, D. *Violência, criminalidade, insegurança e avaliação da segurança pública em Feira de Santana, Bahia*. Grupo de Pesquisa em Conflitos e Segurança Social – GPECS/UFRB. 2015.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Bahia com H de Hip Ho. Salvador, 2014.
- MBEMBE, Achille. Necropolites. Public Culture, Baltimore, v 15, n.1, 2003.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, Soberania, Estado de exceção, Política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n.1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Pulo: n.1 edições, 2018.
- MARCUS, George. 2005. “**The Passion of Anthropology, circa 2004**”. Anthropological Quarterly 78 (3): 673–95. Mills, Charles. 1998. Blackness Visible.
- MATTOS, Wilson Roberto de. Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador-BA 1850-1888). Salvador : EDUNEB, EDUFBA, 2008
- Nzumbi, Lio. A Continuidade do Genocídio Negro Através da Política Criminal da SSP/BA. In: MARIA, Débora; DARA, Danilo (ed.). **Do Luto à Luta – Mães de Maio**. [S.l.]: Movimento Mães de Maio, 2011.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil / Julio Jacobo Waiselfisz – Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2013: Homicídio e juventude no Brasil. Brasília: SEPP/PR, 2013.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2014: Os jovens no Brasil. Rio de Janeiro: FLASCO BRASIL, 2014.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Mortes matadas por arma de fogo. Brasília: SEPP/PR, 2015.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Mortes matadas por arma de fogo. Rio de Janeiro: FLASCO BRASIL, 2016.
- WILDERSON, III, Frank B. The Vengeance of Vertigo – Aphasia and Abjection in the political trials of Black Insurgents. In Tensions Journal. Toronto. New York University. Issue 5, 2011.
- Relatório final CPI do assassinato de jovens:  
<http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>.
- PATTERSON, Orlando. Escravidão e Morte Social. Sao Paulo. EDUSP, 2008
- 
- Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

PEDREIRA, Paulo Tarso Mascarenhas. **Polícia Comunitária: a segurança que queremos? Um estudo de caso da Base Comunitária de Segurança da Rua Nova em Feira de Santana – Bahia.** Data correta. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cachoeira, 2016.

PERRY, Keisha-Khan Y.; CAMINHA, Ana Cristina da Silva. “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”: poder e política das mulheres negras da Gamboa de Baixo, Salvador. **Revista Gênero**, UFF, Niterói, v. 9, n. 1, p. 127-153, 2. sem. 2008.

PINHO, Osmundo. A pessoa do escravo- Morte social e imaginários políticos da diáspora africana no Brasil. Instituto Tepoztlan para la história de las Americas. Conferencia – 2018.

RODRIGUES, André; SIQUEIRA, Raíza. As Unidades de Polícia Pacificadora e a segurança pública no Rio de Janeiro. In Comunicações do ISER nº 67, ano 31, 2012.

ROCHA, Luciane. De-Matar: maternidade negra como ação política na pátria mãe (Gentil?) In: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (org.). **Antinegritude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira.** Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Ricardo Ferreira; NZUMBI, Lio. **Entre os Calabouços do Ódio e o mundão além das muralhas** - Análise crítica da extensão de penas extrajudiciais e da criminalização a sociabilidades de prisioneiros como forma de genocídio do povo negro. 2017. Dissertação (Mestrado em 10/03/2027 ), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cachoeira, Bahia, 2017.

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado.** São Paulo: Gringos/Nei, 2012.

VARGAS, João H. Costa. Activist Scholarship: Limits and Possibilities in Times of Black Genocide. In: HALE, Charles R. (ed.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship.** California : editora da University off Califórnia press , 2008.

VARGAS, João H. Costa. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 2, p. 31-65. Jul./out. 2010.

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

## ANEXOS

## ANEXO A - Logomarca do Movimento Contra UPP



---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

**ANEXO B - Placa hasteada no terreno que iria ser construída a Base Comunitária de Segurança da Engomadeira Salvador-BA**



---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

### ANEXO C - Prédio em construção para Base Comunitária de Segurança da Engomadeira



---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

## ANEXO D - Cartaz Movimento Contra UPP – 24-02-2013

**"Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem"**  
**Rosa Luxemburgo**

**Convidamos a todxs estudantes da UNEB  
bem como representantes dos C.A'S e D.A'S  
para discutir sobre a utilização do espaço  
já construído da U.P.P para outros fins.**

**Não podemos permitir que este espaço  
seja utilizado para legitimar a violência do  
Estado na comunidade da Engomadeira.**

**PARTICIPE !**

**DIA 24/02/2013 ÀS 18 HORAS  
AUDITÓRIO DO DEDC**

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

**ANEXO E - Cartaz de Debate Organizado pelo Movimento Contra UPP - 03-06-2014**



O cartaz apresenta um círculo central com uma ilustração de um homem de cor preta segurando uma arma apontada para um homem branco. O homem branco tem uma base de casas pintada na base de seu corpo. À esquerda do círculo, há informações sobre o dia, horário e local do evento. À direita, há o título do movimento e três tópicos de debate com os nomes dos palestrantes.

**MOVIMENTO CONTRA UPP DEBATE: PERIFERIA EM DESTAQUE**

**GENOCÍDIO DO POVO NEGRO:**  
HAMILTON BORGES

**SEGURANÇA PÚBLICA:**  
PROF. DRA. CLEIDE MAGÁLI

**POLÍTICA DE DROGAS:**  
ANTROPÓLOGA SANITARISTA  
LUANA MALHEIRO

**EXPERIÊNCIA EM UMA BASE COMUNITÁRIA DE SEGURANÇA PÚBLICA:**  
PAULA REGINA

**DIA:**  
03/06/2014  
**HORÁRIO:**  
13.30 ÀS 17 HS  
**LOCAL:**  
UNEB – AUDITÓRIO DO DEDC  
(DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO)

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

**ANEXO F - Cartaz de Cineclube Comunitário impulsionado pelo Movimento  
Contra UPP – 16-09-2014**



Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

**ANEXO G - Fachada da Construção do Prédio da BCS da Engomadeira com a Faixa que foi hasteada pelo Movimento Contra UPP**



---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

**ANEXO H - Militantes e apoiadores do Movimento Contra UPP hasteando faixa de protesto na sede da BCS da Engomadeira – 2014**



---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131

## ANEXO I - I Microfone Aberto na Engomadeira organizado pelo Movimento Contra UPP



Recebido em: 28/11/2024  
Aprovado em: 28/02/2025

---

Movimento contra UPP: sentidos e significados de uma luta comunitária contra instalação de uma base comunitária de segurança no bairro da Engomadeira/Salvador/BA (2013-2015) – Fred Aganju Santiago Ferreira – p. 94-131